

Pompeu de Souza, o Secretário de Educação, quer usar as propostas de Anísio Teixeira como filosofia

O jovem brasileiro é um deficiente cultural

Os professores Hermenegildo Bastos, Fernando Correia Dias e Maria Luiza Angelim pintam o quadro negro da educação candanga

"A saída é pela porta. Por que ninguém quer usar este método?" — já dizia um filósofo chinês. E para o poeta e professor Hermenegildo Bastos, autor de *A Coisa Comum*, o problema da educação no Brasil (e em Brasília) é o mesmo do futebol, não tem grandes mistérios. Tanto o futebol quando a educação ou qualquer outro campo de atividade foram destruídos pela tecnocracia. Portanto, o Brasil precisa retomar como idêia e como impulso cotidiano, as noções de talento, competência, experiência, vivência, ousadia, ênfase na qualidade: "E só comparar no futebol: hoje não temos mais jogadores: temos atletas. E na educação a tecnocracia substituiu educadores por técnicos. A experiência humana foi completamente substituída por um monstruoso arsenal de técnicos e de relações técnicas. O erro básico da Administração de Eurides Brito foi a tecnocracia. Eu conversava com técnicos de tamanha incompetência que se fosse meus alunos eu tinha de reprovar".

Na mira de Hermenegildo, três medidas são urgentes nesta nova fase da Secretaria de Educação e Cultura: conseguir efetivamente recursos, controlar a qualidade do ensino privado e reformular radicalmente os currículos de 2º e 3º graus, através da inclusão de matérias que permitam o exercício cotidiano de um humanismo crítico. Os alunos de 1º grau praticamente não estudam história. A filosofia e o latim foram totalmente banidos: "E preciso um currículo mais abrangente. Esta coisa de resumo não existe em cultura. Não existe conhecimento sem informação histórica. E nisto tudo a grande vítima é o aluno". Hermenegildo destaca também como ponto importante a reformulação do estatuto do professor. Um professor passa, segundo o estatuto vigente, 15/20 anos desempenhando a mesma função: "E um desgaste para o educador e uma perda para a educação. Educação em Brasília acabou se reduzindo a entrar na sala e cumprir as horas-aulas como se estivesse apertando parafuso em uma

fábrica".

Peço a Hermenegildo a opinião sobre o sistema de educação como poeta. A poesia abre as portas da percepção para um contato íntimo com a vida. A disponibilidade do aluno para entender esta intimidade com a vida é muito pequena. A poesia é erótica neste sentido original grego de erros e não apenas no sentido sexual que assumiu na civilização ocidental. Por mais que a tecnocracia ganhe espaço, a poesia é esta intimidade com a vida. Não precisa ser engajada para ser subversiva. Mesmo a experiência amorosa dos jovens raramente é erótica. Quase sempre é pasteurizada. E isto é o grito mais forte do corpo". Hermenegildo tentou apresentar o poeta Souza Andrade aos alunos e foi uma experiência mais ou menos catastrófica pela estranheza que causou. Não há uma mínima iniciação à linguagem simbólica: "Não adianta esconder as coisas de maneira paternalista: o jovem brasileiro é, com exceções, um deficiente cultural assim como existem deficientes físicos e ninguém pode negar a evidência do fato".

O professor e sociólogo Fernando Correia Dias considera pertinentes as questões levanta-

das pelo documento, mas observa que alguns temas merecem ser aprofundados. A política educacional deve levar em conta certas peculiaridades da cidade e da região. Exemplos: o desnível entre Plano Piloto e Cidades-Satélites em termos de renda e, portanto, de nível de vida e de equipamentos urbanos. A estrutura ocupacional da cidade que deriva da função urbana de Centro administrativo. Existe uma massa muito grande de subempregados. Em consequência dos fluxos de migração: "Isto leva a outra característica: a convergência de culturas regionais que coexistem em alguns casos mas em outros são silenciosas. Um exemplo é a cultura a nordestina.

O segundo aspecto destacado por Fernando Correia Dias é o da necessidade de uma integração efetiva entre cultura e educação, espaços que foram se cindindo progressivamente. "Isto é particularmente importante em Brasília por causa da formação policultural e poliética de Brasília". Fernando chama a importância para a formação dos professores de 1º grau, pois o ensino Normal não está merecendo a devida atenção no Brasil: "Tenho impressão de que está havendo uma

simplificação do curso Normal no País. A ajuda válida que o Estado pode dar ao ensino privado é formar bons quadros para o 1º e 2º graus".

A professora Maria Luiza Angelim, coordenadora da Pós-Graduação da Universidade Católica, participou de um grupo que discutiu o documento referência do plano a ser implantado pela Secretaria de Educação. Sem papas na língua, ela coloca a discussão no limite: o espaço-escola está tão impregnado dos vícios e cacoetes dos últimos tempos de autoritarismo que está implodindo: "E tem mais é que implodir. Se eu ficar lá dentro eu me suicido. A escola precisa sair dos seus muros. Não é nenhum modelo que vai dar as respostas que a escola precisa. E o processo cultural e político".

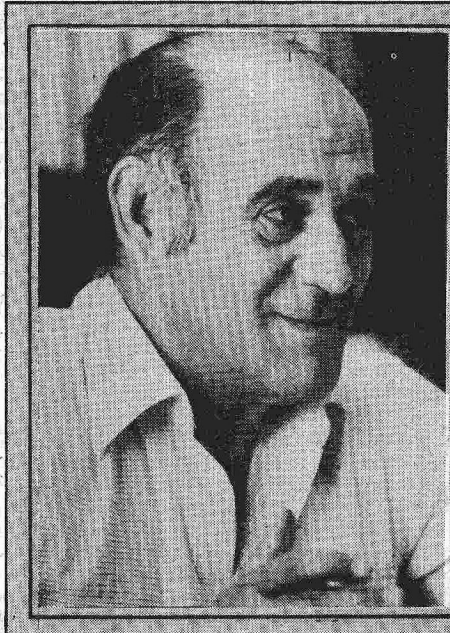
Reduzir a educação ao sistema escolar é empobrecer a questão. Maria Luiza investe contra os limites da literatura pedagógica dos últimos tempos, importante enquanto diagnóstico, porém, insuficiente para impulsionar uma ação renovadora: "E preciso começar por uma autocritica do fazer e pensar nos últimos 20 anos. E esta autocritica não tem sido feita com rigor". Um dos pontos cru-

ciais do debate é a divisão social do trabalho nas escolas. Esta divisão institucionalizou a "escola/ensino", a cisão dos papéis entre professores e técnicos de educação (orientadores pedagógicos, psicólogos etc...), cultura e educação, lazer e esporte: "Separar lazer e esporte é separar as coisas da mente das coisas do corpo. A cultura fica sendo a do não-comprometimento com a produção. O trabalho está fora da educação. Então que escola é esta?"

Esta divisão do trabalho no sistema educacional se traduz, no plano social, numa luta do professor pelo seu espaço — segundo Maria Luiza — criando uma nova forma de sindicalismo. "De repente temos um sindicato de professores numa posição de empregados contra patrões. Se isto é perfeitamente cabível contra uma empresa que extraí grandes lucros, acho questionável no caso do sistema de educação pública. Há um compromisso social que extrapola a relação de trabalho.

Acho que este sindicalismo deve ser repensado". Maria Luiza entende que o documento/referência para o novo plano de educação reduz educação à escola e tenta remendar, em todas as suas propostas, um sistema falido: "Enriquecer o documento é ampliar a discussão para fora da escola. Uma coisa que a gente estranha no documento é a posição de que escola é assimilação da proposta de que escola é para estudar, igreja é pra rezar, futebol é pra torcer. Esta divisão que a ditadura impôs ao próprio movimento estudantil foi comprado pelo PMDB.

Acontece que a prática da escola brasileira mostra que ela é uma cantina. E a oportunidade para uma boa merenda. Se ela é assim é preciso pensá-la a partir das suas contradições. E não vamos socializar a miséria, e sim o conforto. Enquanto se dá tecnologias avançadas, informática, estudo de línguas para os ricos — os pobres tem de trabalhar com a sucata tecnológica. Existem muitas propostas originais já testadas, que não foram multiplicadas porque não eram interessantes: como a de Anísio Teixeira, a da UnB".



Fernando Correia Dias e Hermenegildo José de Menezes Bastos dão início à discussão para uma nova política educacional na cidade e no País